



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

UM OLHAR ACERCA DA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DO RACISMO E DA NEGRITUDE NA PERSONAGEM AMARO DO ROMANCE *BOM-CRIOULO* (1895), ADOLFO CAMINHA

Larice Gonçalves Lima ¹
Rafael Lima Vieira ²

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito analisar a representação literária da personagem Amaro, protagonista do romance *Bom-Crioulo* (1895) com ênfase nas situações e caracterizações atribuídas ao negro na narrativa que sugerem práticas de racismo. Em paralelo a isso, buscamos identificar o sentido atribuído à negritude por meio da perspectiva adotada pelo narrador a fim de verificarmos a construção identitária de Amaro mediante um estudo comparativo entre Aleixo e Dona Carolina. Como referencial teórico utilizamos as considerações de Munanga (1990), Kilomba (2019) e Almeida (2021) que proporcionam discussões relacionadas à negritude e ao racismo. Em paralelo a isso, recorreremos a Pereira (2010) e Bento (2022) que tecem uma visão relacionada ao pacto narcísico da branquitude e seu efeito indireto na construção da identidade racial de pessoas negras e brancas. Ademais, trabalhamos com as contribuições de Fanon (2020) que sugerem o bom comportamento do negro como espelho de uma aparência de valores brancos. Do ponto de vista metodológico, este estudo se constitui como uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa que se fundamenta em conceitos, como os já citados que possibilitam compreender de que modo se dá a real representação literária do negro no romance de Caminha, bem como os motivos que a justificam. Como resultados, nossas análises evidenciaram que para além da primeira diferenciação entre as personagens de Amaro e Aleixo, ou seja, a cor de pele, a narrativa possui oito aspectos identitários utilizados pelo narrador que se manifestam por vezes de modo explícito, como a animalização, por vezes de modo implícito, como o fetiche pela branquitude. À vista disso, o romance é pautado em um discurso perpassado por ideologias racistas, posto que indica que a raça do sujeito é a principal responsável pelas caracterizações psicológicas e biológicas atribuídas.

Palavras-chave: Racismo; Negritude; Representação; Literatura; Bom-Crioulo.

INTRODUÇÃO

O texto literário possibilita que as personagens possam ou não ser marcadas por estereótipos sociais. À vista disso, os sujeitos representados podem reproduzir comportamentos aceitáveis ou em contrapartida podem ser marginalizados em razão de estigmas (Facina, 2004). Diante disso, objetivamos discorrer sobre as caracterizações evidenciadas pela representação literária da personagem Amaro, protagonista do romance *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, que são ilustrativas de práticas de racismo sofridas pelo negro no século XIX.

¹ Graduanda do Curso de Letras Português/Inglês do IFCE - Campus Tianguá, laricegoncalves19@gmail.com;

² Pedagogo (UFPE). Mestre em Educação Contemporânea (UFPE). Professor do curso de licenciatura em Letras Português/Inglês do IFCE – Campus Tianguá, rafael.vieira@ifce.edu.br;



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

A escolha desta temática se justifica em razão das pessoas negras apesar de serem um grande quantitativo populacional de brasileiros/as ainda representam um grupo minoritário em espaços, como o mercado de trabalho formal, escolas e universidades. Contudo, por outra perspectiva, são um grupo consideravelmente majoritário quando observamos as funções desempenhadas por pessoas negras, geralmente associadas a postos de trabalho mais desvalorizados e com menor remuneração (Almeida, 2021).

Diante da escolha da personagem Amaro como objeto de estudo, a pesquisa delinea-se pelo seguinte problema: Quais as características psicológicas e biológicas utilizadas pelo narrador no romance *Bom-Crioulo* são representativas do negro no século XIX a partir da análise da personagem Amaro?

Nessa direção, refletirmos acerca do preconceito racial à luz de um enredo do século XIX e sobre as formas de representação associadas às pessoas negras permite percebermos que práticas de racismo são, por vezes, naturalizadas. Com isso, mesmo de forma velada ainda há uma subordinação entre raças, uma relação de poder, dependência e hierarquização entre sujeitos que por causa da cor da pele são marcados por estereótipos que se caracterizam como marcas que o indivíduo deve carregar.

METODOLOGIA

Apresentamos o caminho que percorremos para alcançarmos os objetivos de nossa pesquisa. Assim, para realizarmos tais classificações temos como direcionamento o livro *O manual de pesquisa em estudos linguísticos* (Paiva, 2019).

Em relação à natureza da pesquisa, ela é de caráter básico, uma vez que tem por propósito disseminar o conhecimento científico relacionado a determinada temática, sem necessariamente se ater a resolução de um problema (idem, 2019). Nesse viés, o trabalho tem o intuito de discutir as questões étnico-raciais apresentadas pelo livro *Bom-Crioulo*.

A partir de seu *gênero*, qualifica-se essa pesquisa como teórica, dado que tem o propósito de abordar conceitos que se relacionam com as situações apresentadas pela narrativa (idem, 2019), a exemplo dos seguintes: negritude, branquitude, raça e racismo.

Em relação às *fontes de informação* é uma pesquisa secundária, tendo em vista que essa forma de pesquisa se baseia em trabalhos já divulgados e que permitem dar novas perspectivas ao objeto estudado (idem, 2019). Com isso, salientamos que o romance de Adolfo Caminha apresenta observações que não se referem exclusivamente ao período em que o livro foi escrito.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

No que se refere à forma de *abordagem*, classificamos nossa pesquisa como qualitativa, em decorrência de procurarmos compreender e explicar os fenômenos sociais identificados no romance (idem, 2019). Desse modo, nos atemos a perceber como se constrói o conceito de raça e como esse conceito é responsável pela manifestação, seja ela consciente ou inconsciente de práticas racistas, bem como sua relação com o sentido atribuído à negritude e à branquitude.

Por fim, em relação aos *objetivos*, essa pesquisa é caracterizada como exploratória, em virtude de procurarmos nos familiarizar com o nosso objeto de estudo, isto é, Amaro, e explicativa devido dar um olhar analítico as situações explícitas e implícitas de racismo no romance com o fito de melhor caracterizá-las.

REPRESENTAÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL ASSOCIADO ÀS PESSOAS NEGRAS

No campo teórico a etimologia do termo raça apresenta inúmeras convergências que dizem respeito a sua conceituação mais usual: a categorização. Nesse sentido, destaca-se que a noção de raça inicialmente é relacionada à ideia de determinar classificações, a priori, entre plantas e animais. A taxonomia, ramo da biologia responsável pelo estabelecimento desse sistema classificatório, foi o termo idealizado pelo botânico sueco Carlos Lineu (1707 - 1778) para apontar as semelhanças que plantas e animais possuíam (Vilar, 2015), bem como havia a possibilidade de evidenciar as diferenças.

Acerca disso, Almeida (2021) destaca que em meados do século XV, momento de forte afloramento das políticas imperialistas europeias, é estabelecido uma nova perspectiva de classificação não voltada a plantas e animais, mas sim fundamentada na ideia de diferentes espécies de seres humanos. Isto posto, constrói-se uma crua distinção entre grupos mais evoluídos e menos evoluídos que tomou como parâmetro o homem europeu.

Em decorrência do conceito de raça, verificamos que a representação associada às pessoas negras é extremamente nociva e cruel, uma vez que é elaborada uma identidade composta por traços negativos que criam uma marca que se faz presente em todos os espaços que o sujeito frequenta sob a ação de práticas racistas, seja na forma de piadas, xingamentos e/ou descrédito. Diante disso, Kilomba (2019) discute que o conceito de outridade relaciona-se com aquilo que o sujeito branco deseja negar e, logo, por conseguinte, não quer ser relacionado.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Assim sendo, quando observamos práticas de racismo é bem recorrente a menção da incapacidade como meio usado para justificar a ausência de pessoas negras em trabalhos que possuem mais visibilidade e remuneração, a exemplo da advocacia, engenharia, medicina e administração. Tal visão pode ser justificada a partir da craniometria, teoria racial em voga no século XIX, que determinava que o tamanho do crânio de um indivíduo determinava sua capacidade. Nesse passo, cabe destacarmos que a crença na supremacia branca é um influente discurso da branquitude acrítica (Bento, 2022), pois esta vertente é defensora de que este grupo tem maior competência e preparo do que os demais.

Além disso, o fato de haver a imposição de um aspecto físico tido como ideal representa a concretude de atitudes racistas, uma vez que a pessoa negra vista sob a óptica de que esta é o outro, simboliza a divergência do aspecto branco. Nesse caso, Almeida (2021) destaca que raramente brancos perdem vagas de emprego por serem brancos, situação adversa e comum quando os indivíduos são negros. Observa-se, portanto, que o tratamento desumanizador e depreciativo são fatores recorrentes das práticas de racismo. Nessa direção, Kilomba (2019) sintetiza o tratamento recebido por grupos racialmente negros a partir de cinco formas genéricas: I) infantilização, II) primitivação, III) incivilização, IV) animalização e V) erotização.

Perante o exposto, tais formas de representação do sujeito negro podem afetar sua autoestima e ser tomadas como verídicas, isto é, representações que de fato correspondem àquele grupo. No entanto, faz-se necessário combater esta violência racial a partir da adoção de práticas antirracistas, seja no ambiente de trabalho, familiar, midiático bem como educacional a fim de problematizar que estas formas de tratamento até então presentes são caminhos utilizados para desumanizar, oprimir, segregar pessoas e “[...] ratificar a suposta superioridade do branco” (Carneiro, 2018, p. 104 *apud* Ribeiro, 2019, p. 78) sem dar o devido valor e respeito à diversidade humana.

NEGRITUDE COMO CONSTRUÇÃO E LIBERTAÇÃO DE UMA IDENTIDADE

De acordo com Munanga (1988), a construção do conceito negritude nasce indiretamente a partir das condições históricas e justificativas dos eventos já citados, a colonização e a escravidão.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) E
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Nesse sentido, constata-se que a atribuição da noção de inferioridade às pessoas não-brancas traz implicações negativas, especialmente se observada a partir da tática do embranquecimento cultural que propõe um processo de absorção dos valores brancos, tidos como valores universais e adequados, pelos negros.

Na visão do autor, tal situação é perigosa, posto que há uma crença de que a negação da identidade racial é também sinônimo de cura da suposta inferioridade (Munanga, 1988). Visto deste ângulo, tais acontecimentos históricos colaboram para que os traços do sujeito negro sejam representados com uma conotação negativa, já que assemelhar-se ao modelo por meio do embranquecimento cultural é desvalorizar a herança e a história de um povo assumindo o sentimento de vergonha ao de orgulho.

Por um lado, não há dúvidas que neste contexto o fetiche que o branco representa é uma marcação de sentido positivo que se torna desejada, uma vez que impõe a inteligência, o refinamento e a superioridade (Pereira, 2010) a um grupo em específico. Por outro lado, a propagação de aspectos, como a primitividade, inferioridade e incivilização das pessoas negras é um fator diretamente responsável pela condenação da identidade negra e o desejo de assemelhar-se a uma identidade branca (Fanon, 2020), seja por meio dos hábitos, aparência física e vestimentas.

No que diz respeito à negritude como aceitação de uma identidade racial, trata-se de um movimento político e ideológico que nasce na França com intelectuais negros, como Aimé Césaire, com um sentido diferente da proposta de embranquecimento cultural, posto que ao contrário do que prega a branquitude, a negritude, no que lhe toca, é uma “[...] retomada de si, isto é, na sua *afirmação cultural, moral, física e intelectual*, na crença de que ele é um sujeito de história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisava recuperar” (Munanga, 1990, p. 111, grifo nosso).

Nesse contexto de afirmação de uma identidade racial, o Movimento Negro Unificado ganha força, uma vez que proporciona uma luta que visa garantir visibilidade e respeito à população negra (González, 2020, p. 108). Nesse passo, reconhecer a negritude é estabelecer uma identidade para o sujeito negro com o fito de desenvolver nesse um sentimento de orgulho por sua identidade racial ao invés de ódio, culpa ou vergonha. Na visão de Diawara ([s.d.] *apud* Nascimento, 1998), ao passo que há a valorização da herança cultural de um povo, também há a libertação do aprisionamento dos valores impostos pela branquitude.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) E SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomando por base o romance *Bom-Crioulo*, evidenciamos e caracterizamos oito categorias analíticas pré-estabelecidas a partir do nosso referencial teórico que indicam a representação literária de Amaro, um homem negro construído mediante o contexto do século XIX. A partir desses critérios temos por propósito elucidar práticas racistas e estereótipos atribuídos à figura do negro, conforme indicado abaixo:

Categorias analíticas	Indícios utilizados	Base teórica
1. Construção da negritude	-Negação ou afirmação da identidade racial;	Munanga (1990), Fanon (2020) e Almeida (2021).
2. Animalização	-Irracionalidade, traços, ambientes, tratamentos e comportamentos;	Kilomba (2019).
3. Incivilização	- Irracionalidade, violência e vícios;	Vilar (2015) e Ribeiro (2019).
4. Insubmissão	-Vícios e aproximações ou distanciamentos do padrão civilizatório;	Quijano (2005), Seyferth (2018) e Fanon (2020).
5. Aparência: negro versus branco	-Fisionomia, irracionalidade e violência;	Bento (2022).
6. Primitivismo	- Sentido atribuído à raça, instrução, comicidade e condições de vida;	Seyferth (2018), Kilomba (2019) e Almeida (2021).
7. Fetiche pela branquitude	- Jovialidade, pureza e pertencimento;	Pereira (2010).
8. Hipersexualização	- Animalização.	Quijano (2005) e Almeida (2021).

A partir desses critérios constatamos que o preconceito racial é manifestado na obra naturalmente, porém há situações explícitas e implícitas. A princípio, são pouquíssimos os momentos que referenciam a humanidade de Bom-Crioulo. Desse modo, portanto, a negritude é majoritariamente associada a maus costumes e a perversidade (Munanga, 1988).

Ele bem sabia que o outro não o abandonava facilmente: *negro é raça do diabo, raça maldita*, que não sabe perdoar, que não sabe esquecer... Aleixo bem conhecia o gênio de Bom-Crioulo (Caminha, 2013, p. 112, grifo nosso).

Tendo em vista isso, é notório que Amaro absorve a ideia de que por ser um homem negro deve estar sempre sujeito a um homem branco e obedecer às normas de conduta impostas



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

por aquele, o que garante a manutenção de visão de hierarquização que o racismo busca estabelecer entre os seres humanos (Bento, 2022). Para tal, vejamos o seguinte excerto:

De qualquer modo estava justificado perante sua consciência, tanto mais quanto havia exemplos ali mesmo a bordo, para não falar em certo oficial de quem se diziam coisas medonhas no tocante à vida particular. *Se os brancos faziam, quanto mais os negros!* (Caminha, 2013, p. 51-52, grifo nosso).

Ademais, outra recorrência no romance é a atribuição de visões estereotipadas sobre a figura de Amaro a partir da constante animalização da personagem. Seguramente o que se confirma são observações que fazem uma explícita referência à bestialidade do negro através de características que nos lembram animais. Visto desse ângulo, compreende-se novamente uma visão racista que tem o propósito de representar o negro sob uma perspectiva que além de reforçar a sua irracionalidade também o mostra como um indivíduo medonho e violento. Não diferente disso, podemos destacar que a incivilização da figura do negro é também fortemente ressaltada a ponto de ser interligada à animalização. Por outras palavras, subentende-se que o sujeito não é civilizado, visto que age de modo não pensado tal como um animal, a exemplo do fragmento abaixo.

Armava-se de navalha, ia para os cais, todo transfigurado, os olhos dardejando fogo [...] *O negro parecia uma fera desencarcerada*: fazia todo mundo fugir, marinheiros e homens da praia, *porque ninguém estava para sofrer uma agressão...* (Caminha, 2013, p. 23, grifo nosso).

Na narrativa também destacamos outra tendência com conotação negativa associada à Amaro: a insubmissão. De início esse critério se manifesta de modo não aparente, mas acaba por ser apresentado mediante ao vício pelo álcool e em especial pela comparação com o comportamento exemplar de Aleixo que representa os bons valores do padrão civilizatório. Dito isso, a personagem de Amaro, só é considerada como boa até o momento que segue esses valores (Fanon, 2020), assim, quando destoa sofre uma condenação em razão de ser negro. Quijano (2005) também reitera que a terminologia raça traz consequências desfavoráveis à população negra, principalmente, relacionado à criação de rótulos que são carregados de preconceito, como se segue no trecho:

No tocante à disciplina mudara também um pouco: já ninguém lhe via certos escrúpulos de obediência e seriedade, perdera mesmo aquele ar, aquela compostura de respeito que o fazia estimado pelos oficiais em Villegaignon, e *o distinguiu da marinagem insubmissa e desbriada*. A maioria dominara-o positivamente; *aquele*



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

caráter dócil e tolerante, deixara-o ele no alto-mar ou nas terras por onde andara. Agora tratava com desdém os superiores, abusando se esses lhe faziam concessões, maldizendo-os na ausência, achando-os maus e injustos (Caminha, 2013, p. 34, grifo nosso).

No que concerne à fisionomia das personagens de Amaro e Aleixo identificamos que há uma representação que não apresenta muitas similaridades, mas sim que é baseada em divergências significativas. Em outros termos, o que fica perceptível é um juízo de valor que busca afirmar e associar a ideia de que os traços dos corpos negros são feios, enquanto corpos brancos são belos e invejáveis fato esse que é responsável pela segregação e desumanização das pessoas que fogem do modelo eurocêntrico (Seyferth, 2018). Em se tratando disso, selecionamos dois trechos que ilustram a descrição narrativa conferida à primeira aparição de cada um dos sujeitos, Amaro e Aleixo, respectivamente:

Outras bocas foram transmitindo a ordem té que surgiu, correndo, a figura exótica de um marinheiro negro, d'olhos muito brancos, lábios enormemente grossos, abrindo-se num vago sorriso idiota, e em cuja fisionomia acentuavam-se linhas características de estupidez e subserviência (Caminha, 2013, p. 15, grifo nosso).

Em oposição, constrói-se a personagem de Aleixo:

[...] Bom-Crioulo esmurrara desapiedadamente um segunda-classe, porque este ousara, 'sem o seu consentimento', maltratar o grumete Aleixo, um belo marinheiro de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se 'coisas' (Caminha, 2013, p. 23, grifo nosso).

Associado a outra construção explicitamente racista está o primitivismo de Amaro. Dessa forma, no primeiro momento que é introduzido é relacionado com a falta de instrução. Desse modo, para afirmar tal pré-julgamento a perspectiva narrativa se edifica mediante uma concepção que associa, assim como coloca em uma equação de igualdade a negritude com sentido de atraso, comicidade e incapacidade, conforme podemos observar no trecho abaixo:

Amaro soube ganhar logo a afeição dos oficiais. Não podiam eles, a princípio, conter o riso diante daquela figura de recruta alheio às praxes militares, rude como um selvagem, provocando a cada passo gargalhadas irresistíveis com seus modos ingênuos de tabaréu; mas, no fim de alguns meses, todos eram de parecer que 'o negro dava pra gente'. Amaro já sabia manejar uma espingarda segundo as regras do ofício [...] (Caminha, 2013, p. 28, grifo nosso).

À vista das representações anteriores associadas ao negro, observamos que outra tônica recorrente e que ocorre como um aspecto não restrito exclusivamente à personagem de Amaro



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) E
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

é o fetiche pela branquitude que Aleixo representa. Assim sendo, Pereira (2010) ratifica que o fetiche que o sujeito branco carrega é identificado como uma marcação de sentido afirmativo que se torna desejada e invejada. Com isso, tanto a jovialidade, como especialmente as referências a pureza do jovem Aleixo se tornam pontos que atraem o negro, posto que são caracterizações que o mesmo não tem na narrativa:

Desejava-o, sim, mas virgem de qualquer outro contacto que não fosse o dele, queria-o como dantes, para si unicamente, para viver a seu lado, obediente a seus caprichos, fiel a um régimen de existência comum, serena e cheia de dedicações mútuas. (Caminha, 2013, p. 100, grifo nosso),

Por último, outro aspecto que é reforçado acerca da personagem de Amaro é a referência a sua ultrassexualidade. Tal aspecto não é restrito a personagem de Amaro, mas é sempre apresentada como um elemento que o destaca perante as demais personagens, em razão da possibilidade de ser algo que o sujeito demonstra não ter controle:

Uma coisa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma ‘mulher à-toa’ propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação (Caminha, 2013, p. 61, grifo nosso).

Com isso, verificamos que tais menções à hiperssexualização são construídas mediante a outro fator já comentado anteriormente, a zoomorfização, vejamos essa relação:

Uma vez lado a lado com o grumete, sentindo-lhe o calor do corpo roliço, a branda tepidez daquela carne desejada e virgem de contactos impuros, um apetite selvagem cortou a palavra ao negro (Caminha, 2013, p. 47, grifo nosso).

Assim, portanto, entendemos essa relação entre hiperssexualização e zoomorfização, em função do que se espera de um animal qualquer, ou seja, agir conforme os instintos e não pela razão. Em face do exposto, analisar os comportamentos de Amaro no que se refere à hiperssexualidade da personagem, reforça um discurso perpassado por ideologias racistas, já que é pautado exatamente em características que se esperam de pessoas negras, ou seja, preconceitos. Assim sendo, o conjunto da obra cria uma identidade para Amaro em que esse é restringido a um ser humano que é desumanizado por cor, e, com isso, recebe marcações das



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) E
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

mais diversas, como as que optamos por dar à luz nessa discussão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Bom-Crioulo* é uma narrativa que é fruto do contexto social, econômico, político e científico do século XIX. Assim sendo, a descrição narrativa ecoa aspectos que indicam a construção identitária do negro fundamentada majoritariamente em teorias raciais da época que recorriam a conceitos próprios das ciências naturais, como a taxonomia a fim de comprovar as diferenças entre os seres humanos. Em decorrência disso, é instaurado um sistema classificatório que não se restringe ao período em que o romance foi escrito, mas sim que perdura até os dias atuais sob novas roupagens, porém sempre com o propósito de desumanizar, restringir e, logo, por conseguinte, marcar o lugar de ocupação de pessoas negras.

A representatividade negra no romance de Adolfo Caminha ocorre por meio da personagem de Amaro, mas não somente. A referência feita à negritude se dá em razão de outras personagens, a exemplo do comandante da corveta, do guardião Agostinho e do marinheiro Sant' Ana. Assim sendo, Amaro é a que recebe mais caracterizações minoritariamente positivas e excessivamente estigmatizadas, dado que é o protagonista do romance.

Constatamos também que a construção identitária de Amaro é elaborada em paralelo com a Aleixo, um sujeito que traz como primeiro ponto contraste a sua cor: ele é branco, Amaro é negro. Dessa forma, a narrativa permite ao leitor observar o desenvolvimento de dois universos com peculiaridades ímpares, a branquitude e a negritude. Por um lado, é inegável que a negritude ganha mais destaque, infelizmente em virtude dos estereótipos que se fazem como a marca que a personagem de Bom-Crioulo deve carregar. Inicialmente o que verificamos é que tais marcações não se mostraram tão aparentes, logo, por conseguinte é notório que uma leitura despreziosa pode sim ocultar a real representação literária do negro.

Com isso, o conceito de raça entendido como uma terminologia que foi recebendo maiores proporções com o passar do tempo é o que justifica as situações em que se manifesta o racismo e mais especificamente o preconceito racial. A perspectiva do narrador é a que se mostrou com mais material para o desenvolvimento da nossa pesquisa, isso decorre das oito referências analisadas que são relativas ao protagonista do romance. Dito isso, destacamos: a construção da negritude, a animalização, a incivilização, a insubmissão, a aparência, o primitivismo, o fetiche pela branquitude e a hiperssexualização. Características essas que comprovaram a primeira, pois a negritude é vista sob um ângulo ruim que serve como elemento que condena o



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

sujeito e o leva a comportamentos, atitudes e valores depravados, tal como se concretiza no romance. A branquitude, por sua vez, também possui uma parcela na narrativa, mesmo que seja mínima. Não há tantas observações que evidenciem os privilégios de ser branco. Melhor dizendo, o que inferimos é que os privilégios se relacionem ao fato de Aleixo não ser associado massivamente com as sete referências que servem para construir a identidade, bem como a personalidade de Amaro. Certamente, evidenciamos referências à animalização e à hiperssexualização, mas não são construídas da mesma forma, visto que há uma narração que busca suavizar as situações quando a personagem não é Bom-Crioulo.

Desse modo, portanto, o conceito de raça se apoia em uma separação dos indivíduos e objetiva propagar uma visão permeada de racismo, posto que determina os comportamentos esperados acerca de cada grupo racial. No que diz respeito ao romance de Caminha, há um discurso que procura assemelhar pessoas brancas a um padrão civilização com bons costumes, capacidades intelectuais, e por consequência com demais qualidades de marcação positiva. Em contrapartida, os sujeitos negros recebem um olhar distorcido o qual procura constantemente inferiorizar e invisibilizar.

Dadas essas observações, o racismo é categorizado como um sistema de opressão. Assim romper com esse ciclo perverso deve ser uma prática problematizada continuamente em sala de aula, mas não restrito somente a esse espaço. O romance *Bom-Crioulo* não finda essa discussão, mas abre novas portas para que possamos dar à luz às questões étnico-raciais. Desse modo, portanto, refletirmos acerca da representação literária de Amaro nos permite estar na luta como sujeitos que buscam quebrar as marcações que ainda insistem em impor visões estereotipadas para negros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021. 255 p. ISBN 978-85-98349-74-9.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras. 2022. 101 p. ISBN 978-65-5782-464-1.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013. 155 p. ISBN 978-85-7232-533-2.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004. 55 p. ISBN 85-7110-809-9.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) E
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 285 p. Título original: Peau noire, masques blancs.

ISBN 978 65 86497 18 2. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4719564>. Acesso em: 19 set. 2023.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020. 361 p. ISBN 978-65-5782-005-6. Disponível em:
<https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 09 out. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p., 21 cm. ISBN 978-85-5591-080-7.

MUNANGA, Kabengele. Negritude Afro-Brasileira: perspectivas e dificuldades. **Revista de Antropologia**, [S. I.], v. 33, p. 109-117, 1990. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111217>. Acesso em: 09 out. 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: Usos e Sentidos. [S. I.]: Editora Ática, 1988. 48 p.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019. 160 p., 24 cm. ISBN 978-85-7934-169-4.

PEREIRA, Cristina Kelly da Silva. Negritude brasileira: construção social e suas metamorfoses. **Revista Eletrônica Correlatio**, [S. I.], n. 17, p. 86-109, 2010. Disponível em:
<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/2096>. Acesso em: 09 out. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: _____. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em:
<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1661>. Acesso em: 29 maio. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 135 p. ISBN 978-85-359-3287-4.

SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. **Anuário Antropológico**, [S. I.], v. 18, n. 1, p. 175-203, 2018. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6581>. Acesso em: 30 maio. 2023.

VILAR, Leandro. **O racismo científico**: da teoria a prática. 2015. Disponível em:
<https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2015/07/o-racismo-cientifico-da-teoria-pratica.html>. Acesso em: 07 nov. 2023.